

**grupo divulgação**

**escorial**

**DE MICHEL DE GHELDERODE**

**Confecção**

**Soc. Prop. ESDEVA — Lar Católico**  
**Tel. 2.3842 — Juiz de Fora — Minas**  
**1971**

"Morre-se muito nas minhas peças, mas, na verdade, morre-se muito na vida também. E se considerarmos nosso século, isto para não falar do passado ao qual voltamos tantas vezes, não vêdes que nosso século tem a côr e o perfume do cadáver! Que êle acumula montões e montões de cadáveres! Vejamos a Morte: ela está por tôda a parte, mas nos é escondida. Tenta-se: 'happy-end' para os inocentes condenados à grande fogueira! Mas é sempre a Morte da Idade Média, é a mesma. Não se faz mais dela um personagem de procissão ou de jôgo popular; dá-se a ela um aspecto científico, se se deseja; pode-se meter-lhe um avental branco e luvas de borracha e fazer de'a uma espécie de Super-Físico, de Doutor-Milagre ao invés. Par-sifal dá lugar ao gangster melodioso."

(Michel de Ghelderode.)



**Michel de Ghelderode**  
(1898/1962)

C  
E  
T

"O segredo da Arte, da grande Arte, de tôda a Arte que queira durar, é a crueldade."

prepan publicidades  
“promove”

chanan chopp  
o sabor da alegria  
no sorriso da noite.  
av. getúlio vargas, 711

## Ghelderode & Teatro

“O teatro não tem nenhum interesse em mostrar seres normais, ou então, deve mostrá-los engajados num conflito anormal, dentro de circunstâncias excepcionais. É isto o que faz um dramaturgo que não seja um industrial — pornógrafo especialista em orgasmos burgueses. Os monstros povoam meu teatro porque eles estão por toda a parte na vida, nas ruas, em todos os quartos, à nossa volta; que digo eu — eles estão em nós, eles estão em nós! As convenções sociais que a mim não importam exigem somente que se finja ignorá-los.” (Michel de Ghelderode.)

O teatro de Michel de Ghelderode é um teatro de monstros. É um teatro de pesadelo. Sua obra é cheia de dissonâncias cruéis que se entrecrocavam num escárnio. Nem por isto deixa de haver de uma maneira gritante, a essência do dia-a-dia, a presença de uma humanidade cotidiana e comum. É como se se pudesse retirar a viseira social que dissimula o ridículo dos homens e nos pusesse, súbitamente, face a face com estes monstros familiares que insistimos em ignorar.

Ghelderode é um anarquista soturno, um reformador de catacumbas. Um ser que prefere a sombra à luz, e entretanto inunda-se dela. Seu teatro é uma forma de exorcismo. Um exorcismo do espírito medieval que é a sua própria essência. O exorcismo do exilado total: exilado do tempo e do planeta: “Ao pôr os pés em nossa velha terra, não me terei enganado de planeta? (...) Na verdade eu não estou no meu lugar, nem em minha época, nem em minha roupa (...) Minha mãe me deu à luz num século que não é o meu.”

Deslocado no tempo e no espaço, Michel de Ghelderode pode abraçar um dis-

tanciamento dos homens que lhe permite captá-los em toda a sua violência e fraqueza. E é ele mesmo quem afirma: “Não há ódio contra a humanidade. Haveria, talvez, o desprezo formal da Sociedade, de uma certa sociedade; afora isto, eu amo os homens como convém, de bastante longe, e compartilho com eles, tão indulgente às suas fraquezas quanto interessado profissionalmente, em seus ridículos.”

Revelações cruéis do autor de um teatro cruel. Não há complacência no universo dramático de Ghelderode. Seus personagens são tratados violentamente. Há odor de sangue e ranger de dentes pairando no ar. A obscenidade e a pureza são indissolúveis nesta “terra de ninguém” que o dramaturgo alcança e conquista através da junção das faces opostas do real, o mineral e seu corrosivo, o corpo e a caricatura que sua sombra projeta, o ato e sua hipocrisia.

O seu, é um mundo de desgraçados, de solitários eternos. “O homem, — observa Ghelderode — é um solitário dentro da vida; ele o é no berço como o será em seu leito de agonia; ele o é no amor... a solidão é um dom, uma graça, ou uma desgraça, que a fada de véu cinza traz ao recém-nascido enquanto as fadas amáveis se distanciam num tumulto mundano. Por conseguinte, o desgosto ou o desprezo que os homens professam a respeito da solidão, transferem-se para o solitário, de sorte, que este será sempre mais infeliz, ou mais feliz, inferior ou superior aos outros: ele possui, em força, o santo e o monstro.”

Um solitário, para Ghelderode, não é apenas aquele que se mantém à distância, mas o que está excluído, o que se exclui. Não há saída para a solidão longe

da loucura. A grande solidão humana repousa numa busca desesperada e sem rota: a busca de Deus: . . . “de que foge o homem, ou o que êle persegue? Na verdade, êle procura Deus. Êle procurará tanto, e onde êle não deveria fazê-lo, que terminará por avançar sôbre os joelhos, como os grandes penitentes. Algumas vêzes, Deus, encontrado, para melhor selar o pacto e para confundir os doutôres da Lei, confere ao solitário a trêmula irradiação da loucura”.

Loucura e misticismo enredam-se num casamento bem sucedido. Como se fôra o grande arauto solitário de uma época, Ghelderode lança um urro dolorido de alerta a uma sociedade esquecida do rito. Seu misticismo é a rebeldia do exilado das coisas sobrenaturais. Seu universo dramático poder-se-ia situar num único desespero — a obsessão pela morte do Cristo. Por isto êle se associa mais aos demônios que aos anjos, e guarda em si a associação brutal do anarquista e do inquisidor.

Seus personagens não brincam com a vida, vangloriando-se de que nada existe além dela. Em vez de serem diletantes, são atormentados, e a tragédia não destrói apenas o mundo visível; ela é a expressão de forças do mundo invisível. O homem aqui, ajusta contas com sua salvação.

O seu único problema é o da danação. A obra de Ghelderode é uma obra perseguida pelo demônio. O Maligno não a abandona jamais.

“Que o diabo existe — escreve Ghelderode — eu não duvido: os educadores me infundiram esta crença na cabeça, e até hoje, nenhum racionalismo chegou a provar-me que esta crença ou êste dogma fôsse uma fábula para crianças. Se eu creio no diabo! Por Deus! E de maneira mais permanente que a Deus e a

seus santos. Não tem êle desde sempre falado à minha imaginação? Não ocupa êle, desde sempre, o meu cérebro?”

Seu misticismo é a própria explicação do mundo: “A criação tôda, não é senão uma bruxaria da qual se perderam os segredos.” Nós perdemos êstes segredos porque não acreditamos mais no diabo. O inferno é aqui em baixo. Mas os homens esqueceram-no e Ghelderode grita-lhes isto, convidando, no seu teatro, os séculos que não tinham Satã como uma fábula infantil. “O Inferno? grita um dos personagens. É esta cidade monstruosa, é a existência cotidiana; e os danados? meus contemporâneos e eu mesmo em seu grupo infame?”

No fundo, Ghelderode, anunciador do inferno, pleiteia o paraíso — não o paraíso da inocência, mas um paraíso que conservará a memória do inferno, do qual êle escapou, por uma beatitude que não chegará jamais a poder exorcizar os velhos demônios da humanidade sofredora. Sua obra nunca se distanciará do pavor. Incapaz de ilusões sôbre Lúcifer, ela se consola como pode.

“Os homens não são freqüentemente belos, é ainda bom quando não são mais feios ainda, mas eu creio no homem, e acho que isto se sente em minha obra.”

Para Ghelderode, uma vez habitante do inferno, tudo é possível — o pior, muitas vêzes é o melhor. Não há nada mais a crer senão que Deus dará a última palavra contra Lúcifer, e que êle intercederá por nós — apesar de nós. As únicas palavras do vocabulário que interessam a nós são — Deus e Diabo. A terra e os homens estão sob as ordens destas duas palavras, sem saber a qual das duas êles obedecerão em definitivo.

Assim, nasce uma galeria de desesperados, como se fôra um painel do ridículo escondido por detrás da mais profunda agonia humana.



## Cronologia

### Michel de Ghelderode

1898 — 3 de abril — nasce em Bruxelas, filho de Adolphe-Adhémar-Louis — Michel Martens “De Ghelderode” não é um pseudônimo mas um patrimônio familiar, que o autor recebeu oficialmente a autorização de usar por “Ar-rêté Royal”, de 9 de julho de 1929. Último filho de uma família unida e pouco expansiva, doentia e taciturna. Sua infância é isolada. O contato com sua mãe familiariza-o precocemente com o sobrenatural, enquanto com seu pai, funcionário dos Arquivos Gerais e entusiasta da História, adquire sua paixão pelo não-atual, pelo passado.

1910 — 14 — Primeiros encontros com os marionetes bruxelinos que o apaixonam, desde então e para sempre. Percorre os museus, os concertos, os circos, os teatros, o “music-hall”. O início do cinema encanta-o, uma vez que êle já aprecia as encenações religiosas.

Paralelamente a seus estudos no Instituto São Luiz, êle anseia por se expandir. Escolhe, inicialmente, como meio de expressão, a pintura e a música. Aproxima-se dos pintores da “avant-garde”, particularmente J.—J. Gailliard, que se tornará seu amigo. Freqüenta o Conservatório. Estas raízes estarão presentes em sua produção dramática, nas emoções plásticas que deram origem a algumas de suas peças e nas exigências de ordem musical, tão evidentes em seu teatro.

1914 — 15 — Inverno — Uma doença grave imprime à sua jovem existência um tormento físico e moral decisivo. No estado de desamparo em que fica após o abandono de seus estudos clássicos e musicais, descobre um novo meio de expressão — a literatura. Abre-se, então, o tempo das leituras ardentes: o teatro elizabetano, o do século do ouro espanhol, Strindberg — Goethe — Cervantes — Tolstói — Pöe — De Foe — Jerry.

1916 — O jovem começava a escrever firmemente sobre o impulso da "Legenda d'Ulenspiegel" que constituirá, juntamente com "Don Quichotte" e "Gil Blas" — uma de suas maiores revelações literárias. De Coster insufla-lhe o desejo de escrever uma obra autóctone, que será a "História cômica de Keiser Karel". Em companhia de Georges Eekhoud, êle explora o Pátio dos Milagres de Bruxelas, "os Marolles", onde recolhe textos esquecidos ou perdidos do repertório dos marionetes populares, dentre os quais: "O Mistério da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo".

1918 — Encontra Crommelynck que testemunha-lhe algum interesse, e o autor dramático, poeta e articulista, J.—B. Gibet que faz representar sua primeira peça "A Morte Olha Pela Janela" no teatro da "Bombonnière", hoje desaparecido.

1919 — Apresenta "A refeição das feras", com o mesmo sucesso da anterior. Ferido pelo sucesso popular desta segunda experiência teatral, o jovem autor desaparece do meio literário em alguns anos.

1920 — Escreve "O Cavaleiro Bizarro", peça em um ato, publicada 20 anos mais tarde.

1922 — Publicação da "História Cômica de Keiser Karel", coletânea de fabulário recolhido em 1918. (Edição definitiva em 1943.) Publicação de "La Halte Catholique".

1923 — Publicação de "O Homem de Uniforme". Entra na Administração Comunitária de Schaerbeck (Bruxelas), onde será redator no serviço de arquivos até o início da guerra.

1924 — Publicação de "Os Velhos", farsa mística em um ato. Casando-se em fevereiro de 1924, torna-se redator e posteriormente co-diretor da "Flandres Literária", revista literária. Reencontra James Ensor, que lhe inspira "O Cêrco de Ostende", relações de amizade com importantes nomes literários.

1925 — Publicação de "O Mistério da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo".

Publicação de: "Oude Piet", drama burlesco; "A Cornucópia", poemas em prosa; "Pantagrelize", ensaio.

Conclui sua primeira obra importante: "A Morte do Doutor Fausto".

Encontro com o holandês Joahn de Meester, encarregado de montar um teatro popular itinerante na Bélgica, que o faz viver a experiência do teatro popular flamengo.

1926 — Publicação de "A Morte do Doutor Fausto", tragédia do "music-hall". Escreve: "Três Autores", drama.

1927 — Publicação de "Vênus", farsa trágica em um ato. Escreve "Escurial", "Cristóvão Colombo", "Imagens da Vida de São Francisco", espécie de revista religiosa encomendada por Johan de Meester para o Teatro Popular Flamengo.

1928 — Publicação de: "Teatro II" ("A Transfiguração no Circo" e "Escurial") "Teatro III" (Don Juan, Cristóvão Colombo).

Escreve "As Mulheres no Túmulo", auto.

Recebe o prêmio anual de literatura dramática da Academia Picard.

1929 — Publicação de "Três Atôres, um Drama" — "Uma Noite de Piedade" — "A Tentação de Santo Antônio" — "O Massacre dos Inocentes" (dois textos de marionetes encontrados).

Escreve "Pantagrelize", "vaudeville" dedicado ao ator Renaat Verheyen.

1950 — Publicação de: "Théâtre, d'Écoute".

CRIAÇÃO EM BRUXELAS, de "Escurial" — 12 de janeiro.

Criação em Bruxelas, de "Barrabás", pelo Teatro Popular Flamengo.

1930 — Publicação de "Afogamento dos Sonhos", "ballet."

Criação em Paris de "Pantagrelize", quando o ator e diretor Renaat Verheyen morre aos 26 anos. Em seu delírio agonizante, faz reviver os personagens de Ghelderode que interpretara. Este fato choca o autor, que escreve "A Morte de um Ator", que tomará sua forma definitiva em 1939, sob o título de "Saída do Ator".

Ghelderode retira-se do teatro ativo.

1931 — Publicação de "Duvelor ou A Farsa do Diabo Velho".

Escreve "Magia Vermelha", farsa em três atos.

1932 — Publicação de "Barrabás".

1933 — Publicação de "Arco-Iris", magia.

Escreve "O Cêrco de Ostende", farsa militar para marionetes.

Eleito membro da Academia Picard, de onde retirar-se-á voluntariamente em 1939.

1934 — Criação de vários textos para marionetes.

1935 — Publicação de "Adrian e Jusemina", divertimento em um ato. "O Trabalho de Carolina", "Máscaras de Ostende" (pantomina).

Escreve "La Pie Sur le Gibet", inspirada em um quadro de Brueghel (Hop Signor).

1936 — Publicação da tradução flamenga de "Os Cegos".

Escreve "A Farsa dos Tenebrosos".

1937 — Escreve "Escola de Bufões".

1937 — Recebe o prêmio trienal do Ministério da Instrução Pública.

1939 — Renuncia ao teatro. Interpreta suas memórias em "Uma Estação no Inferno".

1945 — Obtém Prêmio para Literatura Dramática, da Sociedade Belga dos Autores.

1946 — Torna-se colaborador do "Journal de Bruges", onde continuará até a desapareição do órgão.

1947 — Publicação de "Sortilèges".

1948 — Encenação de "Ecurial" em Paris.

1950 — Publicação de "Os Fantasmas de Ostendes", seqüência de reminiscências, no "Journal de Bruges".

1951 — Representação de "Ecurial" em Bruxelas, Buenos Aires.

1953 — Representação de "Ecurial" em Londres.  
Publicação de "La Flandres est un Songe" — "Teatro Completo".

1955 — Criação de "A Balada do Grande Macabro".

1956 — Publicação de "Entretiens d'Ostende".

1958 — "Ecurial" é apresentado em Montreal e Bogotá.

1960 — "Ecurial" é representado na Universidade de Princeton e pelo Teatro de Estudantes de Estocolmo.

1960 — Placa comemorativa é colocada em sua casa natal.

1961 — Criação em Berlim, de uma versão musical de "Ecurial".

1962 — Representação de "Ecurial" na Suécia.

1.º DE ABRIL: morte de Michel de Ghelderode.



## Côres & Formas & Teatro

"Eu insisto; é a pintura, combinando as côres à forma, que me conduziu à arte teatral."  
Escreveu Michel de Ghelderode.

Positivamente, a obra de Michel de Ghelderode comporta um mosaico onde obras de artistas plásticos como Breughel e Bosch harmonizam-se e inspiram-no.

Em "La Halte Catholique", recompilação de contos, tem como título de uma das primeiras estórias: "Descrevendo uma peregrinação em Brabant — a de Montaigne, precisamente — vista pelos olhos de um Breughel ou, mais contemporaneamente, pelos de um Jules de Bruycker."

Breughel já aparece como guia de um contexto típico, característico, que só êle soube ver, quando seus contemporâneos buscavam inspiração na pintura italiana. E pode-se dizer, com razão, que é Breughel quem abre os olhos de Ghelderode para a intimidade da paisagem flamenga e para a buliçosa e heterogênea harmonia do personagem — povo, e quem, além disso, ensina-o a dar o devido aprêço à expressão do homem, a compreender, no personagem, junto ao gesto, a expressão — como a sombra junto ao corpo — e junto ao sublime, a vertente indissolúvel do ridículo; quem, em resumo, lhe mostra êsses cegos peregrinos que, indo a Roma, afundaram num lamaçal em que se condensam nosso destino e condição.

Da "La Parole des Aveugles", que se conserva no Museu do Louvre, surge "Les Aveugles", dramatização literal daquela tela. A farsa "La pie sur le gibet" não faz mais que acrescentar palavra e ação e um tênue fio de argumento à tela do mesmo título, a última que Breughel pintou.

As citações sôbre o pintor são freqüentes nas manifestações do dramaturgo. Em "Le cavalier bizarre", assim são descritos os velhos alojados num hospício: "Os velhos, totalmente calamitosos, ofegantes, tossindo, apoiando-se em muletas, vestindo trapos inverossímeis. No meio dêles uma velha mulher. Esta humanidade que se desloca, mas conserva-se corada, e rica em odor, tentaram o pincel de Breughel dos mendigos, ou o buril de Jacques Callot."

Voltam a aparecer em "Marie la misérable" os cegos peregrinos, "Tais como mais tarde os pintará Breughel", dos quais o povo escarnece: As cenas de feira (quermesse) desta última obra são viva estampa breugheliana e dessa mesma estampa parecem desprendidos os mendigos de agudo rufianismo. Romulus em "Magie Rouge" — os vagabundos cantores — Le Chansonnier, com seu pequeno órgão e seu macaco no ombro, e "Mademoiselle Jaire"; Porpenaz com seu acordeão, na "La balade du Grand Macabre" — os pincaros de tôda espécie, os "pochards, clochards e valets", as mulheres de riso e barrigas sôltas, as feiteci-

fórmulas nicromânticas, e os velhos do hospício, nos quais a morte próxima faz babar luxúria e avareza — todo êsse povo, enfim, instintivo, sensual e descarado, carnavalesco e lúgubre, que pulula na obra de Ghelderode.

Isto não foi um capricho, como pode ser aprendido pelo que já foi dito, e é reafirmado quando o dramaturgo, situando a maioria de suas obras em Flandres, escolheu para localizar a sua "La Balade du Grand Macabre", um sugestivo principado: "Breughelândia".

Flandres não só é recriada em Ghelderode, através de Breughel, mas também de outros pintores: Bosch, Teniers, Jordaens, aos quais o escritor reconhece como fontes inspiradoras: "deram-me o hábito dos personagens pintados, dos cenários e iluminação". E não é só isso. A gravitação física das criaturas que Jordaens pintara sua saúde terrena, sua permanente disposição para a comida e a bebida, dão ascendência clara aos personagens ghelderodianos que renovam o que Fauré chamou de "Texturas vivas" de Jordaens. Del Bosco, por outro lado, fornece ao nosso autor uma abundante herança.

Referindo-se a "Escorial" diz Ghelderode: "Esta peça me foi sugerida por duas telas, uma de Greco, outra de Vélasquez, dois pintores assombrosamente "jovens" e que não deixam de nos encantar." Trata-se de São Luiz, rei de França do Greco e um dos anões de Vélasquez, ambos em poder do Louvre e que proporcionaram ao autor flamengo as figuras delirantes do rei e seu bôbo (bufão). É sinomático que Ghelderode tenha se fixado numa das figuras mais atormentadas de El Greco e não em qualquer de seus místicos, seus videntes interiorizados ou seus cavalheiros serenamente maduros para morrer. Mas é que o escritor segue, fundamentalmente, o curso de um mesmo rio no qual a carne humana se machuca e sofre, e sôbre cujas águas bóiam, fermentando em decomposição, os que foram atributos do poder e da glória.

A linha de inspiração pictórica que vimos seguindo nas peças ghelderodianas nos mostra uma singular bizzarria. Não reside esta no âmbito próprio à sua criação, nem sequer nessa promiscuidade populosa dos três estados sociais — baixo povo, aristocracia e clero — nem nos pecados que fazem êste mundo. Radica-se mais ou menos medularmente, num paralelismo geral de signos hostis entre si, realista até à ruína, mas sempre obliterado por uma das tácitas convenções da sociedade.

modas jenny  
cumprimenta o grupo divulgação  
na passagem do seu  
5.º aniversário.

5.º  
Aniversário  
de  
Fundação  
do  
Grupo  
Divulgação

Ao completar cinco anos de existência marcados por um trabalho ininterrupto em prol da cultura e do teatro de Juiz de Fora, firme em seu propósito de difusão cultural e fazendo das palavras do Poeta Definitivo de Espanha, Federico Garcia Lorca "MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO", a diretriz de seu trabalho, o GRUPO DIVULGAÇÃO e o CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS já apresentou à cidade trabalhos antológicos, cursos, conferências e as seguintes encenações dramáticas:



1967 - Cancioneiro de Lampião -  
Melhor espetáculo de 1967.



1967 - O Urso.

**nélson importações ltda.**  
perfumes franceses  
marechal deodoro, 128



1968 - Bodas de Sangue.



1968 - Electra.

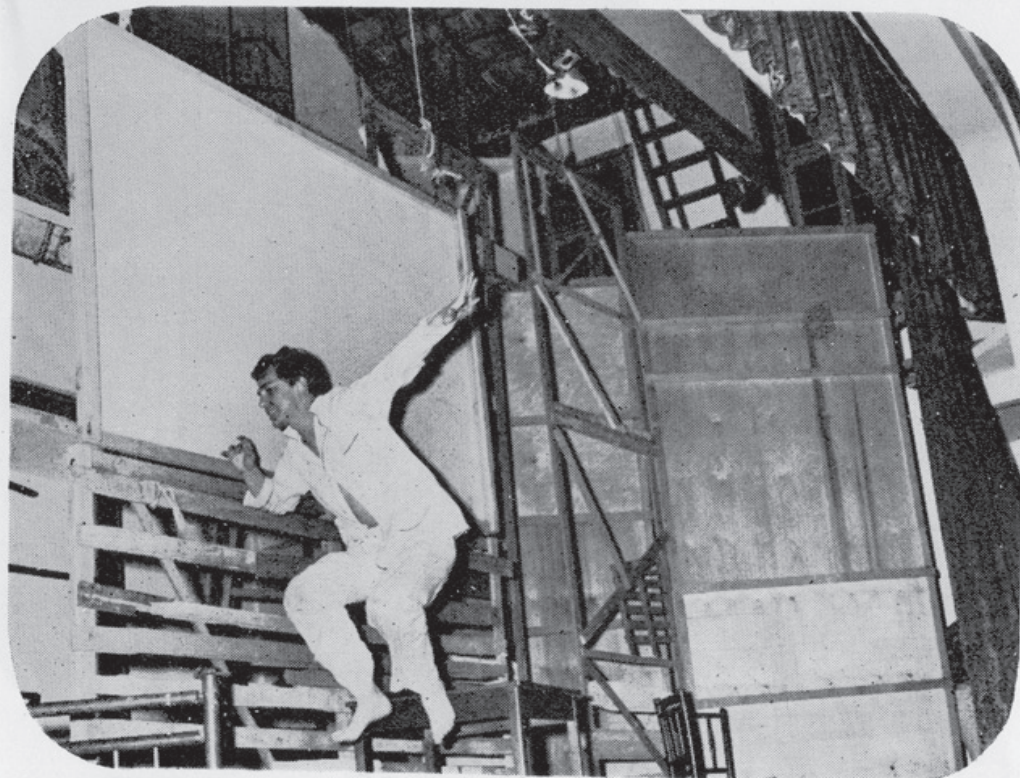
**fios & máquinas**  
\* cursos de tapeçaria  
tece-lã  
cirandinha  
\* material de tricô e crochê  
gal. ítala, loja 10

mente sã em corpo são:  
tutangir

**livraria viviani ltda.**  
livraria & papelaria  
gal. pio x, 71/75  
tel. 2-3957 — jf

**tele rádio e presentex**

duas lojas para servir melhor!  
\* peças para rádios e televisores.  
\* discos e artigos para presentes.  
gal. constança valadares, loja 12 e  
halfeld, 652.



1969 - Diário de um louco.

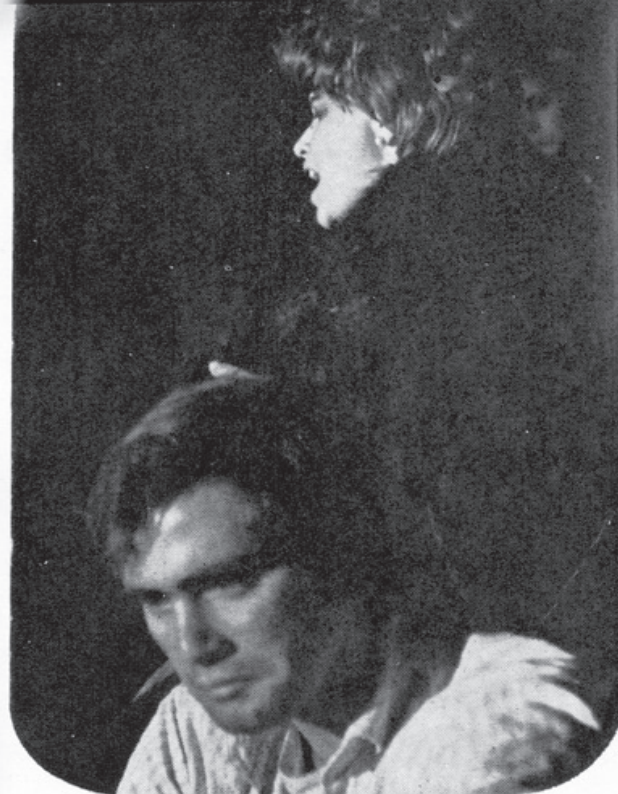


1969 - Pequenos Burgueses - Melhor espetáculo de 1969.

é tempo de grandes conquistas!  
é tempo de  
**apollo — o café —**

ler para ver melhor!  
literatura, didática e artes  
**livraria alvorada**  
gal. belfort arantes, 7

**paulicéia**  
roupas: getúlio vargas, 434  
calçados: batista de oliveira, 492



1970 — A visita da velha senhora.



1970 — Escola de Mulheres — Melhor espetáculo de 1970.

**raffa's chopp**  
restaurante — cervejaria  
dançante diàriamente.  
gal. pio x.

### **escolas andrade**

rua halfeld, 613 - gal. constança valadares, loja 219 - 1.º andar.  
8 anos do estudante - métodos modernos - professôres especializados.  
curso de \* datilografia em 30 dias  
\* madureza ginásial  
\* madureza científico  
\* auxiliar de escritório - 1 mês  
\* pré-vestibular

## O Nosso "Escurial"

Há muito buscávamos um texto forte que nos permitisse um trabalho experimental. "Escurial" surgiu forte dentro de sua ambiência tétrica, e logo sentimos que seria um trabalho apaixonante. Partimos para a leitura de onde surgiu a necessidade de mostrar a fôrça dramática e o horror de um rei amargurado e atormentado por espectros presos à sua própria mente; foi esta a nossa visão.

Optamos por um espetáculo de cunho alegórico que contivesse os ritos esquecidos na civilização moderna e a que tanto se prende Ghelderode em sua arte.

"A alegria permite às artes tornar visualizável o abstrato." — Fixando-nos neste ponto de partida, passamos a encher o palco com os espectros que assombram a obra genial dêste artista belga.

Dividimos o texto em quadros e fomos pincelando cada aspecto. Nosso figurinista deu a orientação inicial e dentro do ambiente em que se configurava o espetáculo as idéias foram surgindo e amadurecendo. A dança foi coreografada e nossos espectros passaram a dançar, lutar e realizar uma verdadeira festa no palácio da morte.

Nosso espetáculo será mostrado a partir de cenas sugeridas como o "PRÓLOGO", que evolui de uma "PAVANA DOS ESPECTROS" e se embriaga no

terror das trevas palacianas. A dor atormenta e persegue o rei desde o primeiro quadro. Com o aparecimento do bufão no terceiro "passo" surge a contradição que impulsiona os valores dramáticos do texto. A MORTE continua pairando no ar e sob a atmosfera do equívoco, da mentira, configura-se mais um quadro. A transubstanciação e a troca de personalidades, quando as personagens se igualam na condição pobre de homens, dão origem a mais uma etapa dramática, enquanto que no quinto quadro a viagem imaginária e onírica chega ao seu final. E a MORTE, grande legisladora definitiva, toma decididamente as rédeas da ação dramática a partir do quadro seguinte, com a sentença e execução do homem. A partir daí, o rito assume proporções fantásticas e Ghelderode, em sua plenitude, assume os odôres gastos e a grandiosidade das pompas fúnebres com que um bufão se liberta. No epílogo encontra-se a constatação decisiva, o gosto amargo e uma sensação de mal-estar ao se deparar com a máxima de que "A arte duradora só existe quando prêsa da crueldade".

"ESCURIAL" é inesgotável, porém procuramos imprimir ao nosso trabalho uma visão subjetiva, onírica e anacrônica de mais uma grande obra da dramaturgia universal.

**José Luiz Ribeiro.**

**casa zappa ltda.**  
cumprimenta o grupo divulgação

**o balão vermelho**  
maternal — jardim de infância  
— primário  
rua santo antônio, 510  
matricule seu filho.

**quincas confecções**  
calças e camisas para o homem  
moderno. seção especializada para  
as idades de 6 a 10 anos e rapazes  
de 12 a 16 anos.  
qualidade e preço.  
av. rio branco, 2266 - jf - mg.

## O Diretor

OSÉ LUIZ RIBEIRO, jornalista e professor do Departamento de Comunicações da UFJF, tem cerca de oito anos dedicados ao teatro juizforano. Início sua atividade no Grupo Jovem do contato onde montou "BRASIL-ESPAÇO 63" e "SINFONIA DE UMA FAVELA", de sua autoria, em novembro de 1963 e 1964.

Interrompendo por dois anos suas atividades teatrais, dedicou-se ao estudo de novas formas dramáticas e surge novamente em 1966, interpretando "ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA" de Cecília Meireles, sob a direção de Nilo Batista, no então T.U. Dirigiu ainda, neste mesmo ano, os alunos do Ginásio de Aplicação João XIII, da então Faculdade de Filosofia da UFJF, em "CANÇÃO PARA UMA PRINCESA", de sua autoria. Ainda neste ano, dirigiu um estudo dramático sustentado no texto de João Cabral de Mello Neto, "MORTE E VIDA SEVERINA", apresentado pelo GRUPO DIVULGAÇÃO em seu princípio de atividades. Dirige ainda em 1967, "O CORONEL DE MACAMBIRA", de Joaquim Cardoso, para o T.U. num espetáculo encenado também na Guanabara e em Niterói, recebendo efusivos incentivos da crítica guanabarina. Neste mesmo ano, dirige "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO" de Nerthan Macêdo, em adaptação de sua autoria, para o GRUPO DIVULGAÇÃO. Por seu tra-

balho nesta produção, recebe prêmios de "MELHOR FIGURINO" e "MELHOR ESPETÁCULO" de 1967.

Em 1968, dirige para o GRUPO DIVULGAÇÃO, "BODAS DE SANGUE" de Federico García Lorca e "ELECTRA" de Sófocles, trazendo aos palcos juizforanos, a grandiosidade do Teatro Grego.

Em 1969, interpretou o personagem Antonino Barnabé, de "DIÁRIO DE UM LOUCO", de Gogol, participando como ator e dirigindo a montagem de "PEQUENOS BURGUESES", de Máximo Górkí, tendo ambos merecido a distinção de "Melhores Espetáculos" do ano.

Em 1970, dirigiu "A VISITA DA VELHA SENHORA", de Durrenmatt e interpretou o personagem Anolfo e dirigiu "ESCOLA DE MULHERES", de Molière, recebendo por sua participação e direção, os troféus de "MELHOR ATOR" e "MELHOR DIRETOR" de 1970, conferidos pelo "PRÊMIO MUNICIPAL DE TEATRO". Neste mesmo ano, recebeu do jornal "O JF" o título de "VALOR HUMANO DO TEATRO".

Entusiasta do Teatro, José Luiz Ribeiro tudo tem feito por sua difusão, quer seja através de cursos e palestras, quer seja orientando diretamente montagens realizadas por grupos secundaristas. Está à frente do Grupo DIVULGAÇÃO, como Coordenador-Geral, do CET, há cinco anos, sendo seu membro fundador.

## **cifrão**

distribuição de títulos e valores  
mobiliários ltda.  
e ações da liasa

**invest-bem ltda.** — incentivos fiscais  
sudene  
sudam  
sudepe  
fundo de investimento  
DL. 157

edifício são lucas  
salas 803 e 809  
juiz de fora

**SOB OS AUSPÍCIOS DA**  
PMJF e UFJF  
**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**

promove

**GRUPO DIVULGAÇÃO**

apresenta

**“ESCURIAL”**

REI

Francisco Xavier Amaral

MONGE  
FOLIAL  
MULHERES

Francisco Couto Teixeira  
José Luiz Ribeiro  
Léa Maria Clifford Kegele  
Nelma Sandra Gonçalves Fróes  
Vera Nardelli de Castro  
Sônia Neves Boechat  
Ana Maria Curty  
Vanda Teodoro  
Elaine Vieira  
Isabel Cristina Mauad  
Terezinha Galhardo  
Maria Cristina Guedes.

SOLDADOS

Rogério Costa Dacorso  
Ronaldo Agrícola  
Iverson Bisaggio  
Ivan José  
Jairo Schmidt  
Christopher James Wellner

CONTRA-REGRA

José Carlos

SOM

Malu Rocha

ILUMINAÇÃO

Lucy Brandão

FIGURINO

Lucas Marques do Amaral e Equipe

Divulgação

TEXTO  
TRADUÇÃO  
DIREÇÃO, COREOGRAFIA E  
MÁSCARAS

Michel de Ghelderode  
Brutus Pedreira e Nelson Dantas  
José Luiz Ribeiro

## Agradecimentos

Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.  
Secretaria de Educação e Cultura da  
PMJF.

Departamento Autônomo de Turismo.  
Sociedade Beneficente "Umberto I".  
Conservatório Brasileiro de Música.  
Canais de Comunicação  
e a todos que compreendem que:

**"Mede-se a cultura de um povo  
pelo seu teatro".**

**(Lorca.)**

trabalhos apresentados

pelo

## Grupo Divulgação

espetáculos antológicos:  
amor em verso e canção  
homem do século XX  
antologia da mulher

apresentações didáticas:  
morte e vida severina  
coral universitário

outros espetáculos:

cancioneiro de lampião	- nerthan macêdo
o urso	- anton tchekhov
bodas de sangue	- federico garcía lorca
electra	- sófocles
diário de um louco	- nicolai gogol
pequenos burgueses	- máximo gorki
a visita da velha senhora	- friedrich durrenmatt
escola de mulheres	- molière
escurial	- michel de ghelderode

próximo espetáculo: "Maria Stuart", de Schiller.